



Ilustração Portuguesa

10 de Fevereiro de 1923

Série II.º N.º 886

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 40—LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHÁ: Trimestre 13\$00, Semest. 26\$00.
Ano 52\$00—COLÓNIA: PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00.—ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

DENTIFRICOS
DOS RR PP

BÉNÉDICTINS

DE SOULAC

ELIXIR PÓ
PÓ

SABÃO
EM CAIXAS DE ALUMINIUM

PASTA PASTA-SABÃO
EM CAIXA E EM BORDAGA

REELLEMENT FRANÇAIS

PASTA ou PASTA-SABÃO

SABÃO CAIXA ALUMINIUM

A venda em todas as farmacias e casas de pertumaria.
Representante e depositario para Portugal:

A. VINCENT, Rua Ivens, 56, 2.º, Lisboa—Tel. Cent. 1858

Em tres mezes todos podem ser Guarda-livros

DE qualquer casa comercial por mais importante que seja. Habilitação completa e garantida. Centenas de alunos nossos exercem esse logar com toda a competencia nas mais importantes casas. Carta de Guarda-Livros, concluída a habilitação. Matrícula permanente. Interno e externo. A 1.ª escola de comercio do Paiz. *Escola Commercial Pereira de Sousa—Sede* Palacete da Rua Breyner, 45—*Porto*. *Filial de Lisboa*—Avenida Almirante Reis, 136. *Filial do Rio de Janeiro*—Rua Senador Fusteljo, 406.



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

Camelia Branca
L' D'ABEGOARIA, 30
no Chiado - Tel. 3270

Vae a Paris???

Não deixe de ir ao Restauont PORTUGAL rendez-vous da colonia portuguesa 167, Rua Montmortre, ao lado dos grandes boulevards. Proprietario: Barbosa Araujo Cosinha e pastelaria portuguesa. Os melhores vinhos de PORTUGAL. Pessoal portuguez. Onde se come melhor e mais economicamente.

Escola Commercial de eira de Scusa PORTO — LISBOA RIO DE JANEIRO

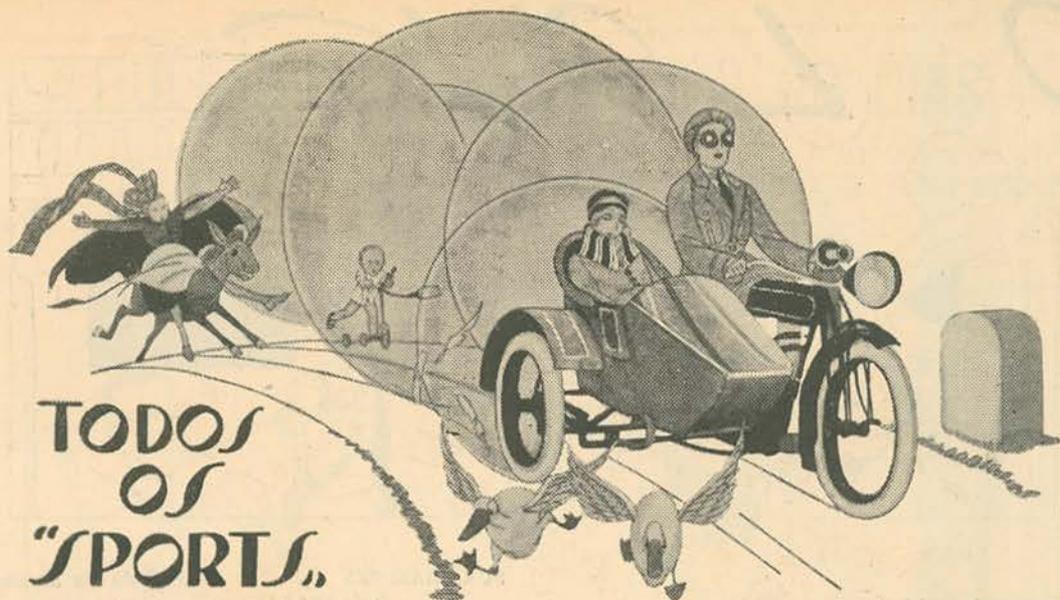
Instituto de Altos Estudos commerciaes. A 1.ª Escola de Comercio do Paiz. Interno e Externato. Tanto na Sede da Escola, no Porto, como nas nossas Filiaes de Lisboa e Rio de Janeiro, admitem-se alunos Internos e externos em qualquer época do ano. 40 cursos Rapidos, em 3, 6 e 10 mezes. Cursos longos, em 2, 3 e 4 anos. Aulas diurnas. Aulas nocturnas. Enviaem-se os Estatutos da Escola quem os pedi.

Unica Escola de Comercio do Paiz que garante a habilitação completa em tres mezes para Guarda-Livros.

Sede da escola—Palacete da Rua Breyner, 45. *Porto, Filial de Lisboa*—Avenida Almirante Reis, 136. *Filial do Rio de Janeiro*—Rua Senador Fusteljo, 406.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"
Rua do Seculo, 40 — LISBOA



TODOS OS "SPORTS."

REALIZOU-SE no ultimo dia do passado mez o segundo encontro de *rugby* entre o Carcavelos Club e o Sporting Club de Portugal, do qual saiu vencedor o primeiro grupo por 17 pontos a 3, conseguindo, assim, obter uma brilhante desforra. O *match* começou pelas 15 horas, alinhando o *team* português da seguinte fôrma: Francisco Leote, a defeza; Salazar Carreira, Augusto Sabbo, Alberto Freitas e Manuel José, a três quartos; Bailache e Norton, médios; Antonio Soares, Salazar Diniz, Sebastião Herédia, Fortunato Levy, Aragão Andrade, Carlos Duarte e J. Silva, em avançados. O resultado do encontro foi, como acima dissemos, a victoria

do grupo inglês, que conseguiu marcar 5 ensalos e transformar um destes em *goal*, ao passo que o seu adversario apenas marcou um ensalo. Este jogou com acerto, mas peor que no passado encontro. Por outro lado, o grupo inglês pareceu bem treinado. Da parte do Sporting tem-se visto que se não descara o treino, sendo para louvar o esforço e a boa vontade com que se tem trabalhado. Ha, ainda a registrar, o desastre succedido ao distinto *sportman* Sebastião Herédia, a quem desejamos rapidas melhoras.

— Para disputa da *Taca Mutilados da Guerra*, jogaram, no Campo de Palhavã, em beneficio da Cruz Verde, as primeiras categorias do Sporting Club de Portugal e do Carcavelinhos Foot-Ball Club, ficando vencedor este ultimo por 2 *goals* a 1. O Sporting jogou mal e o Carcavelinhos demonstrou que tem trabalhado.

Ainda no mesmo dia, jogaram os primeiros *teams* do Victoria Foot-Ball Club, de Setubal, e o Sport Lisboa e Benfica, batendo este ultimo o seu adversario por 2 *goals* a 1. O jogo decorreu bastante equilibrado.

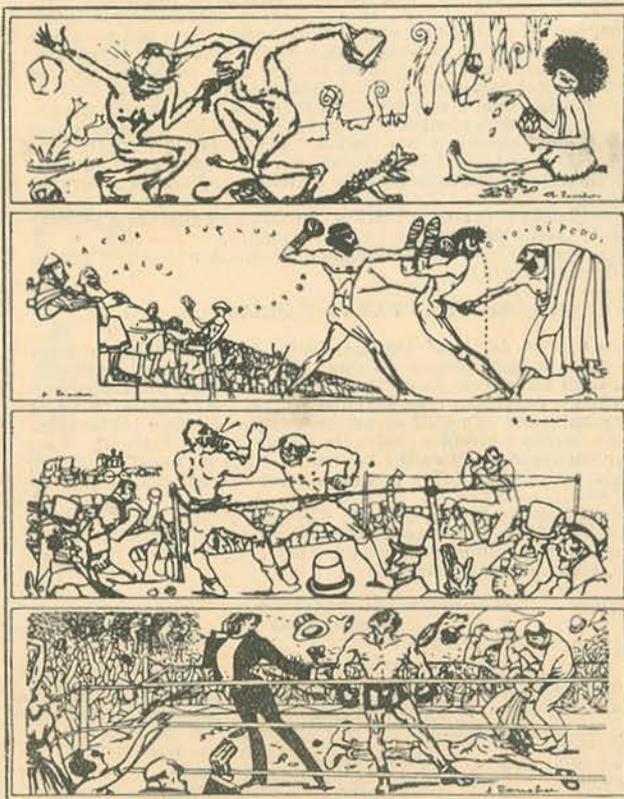
No passado dia 4, para disputa do Campeonato de Lisboa, o Casa Pia venceu o União Lis-

boa por 4 bolas a 1, e o Carcavelinhos o Victoria por 3 *goals* a 2, não tendo os jogos despertado grande interesse.

A *equipe* de *foot-ball association*, representativa de Espanha, que em dezembro jogou no mesmo Stadium e ainda não ha um mez venceu a selecção francesa por 3 *goals* a 0, foi vencida, no passado dia 4, na Belgica, pela *equipe* representativa deste paiz, por 1 *goal* a 0, bola obtida na marcação duma grande penalidade.

Presidida pelo sr. Carlos Vilar, reuniu, no passado dia 2, na Associação de Foot-Ball de Lisboa, a comissão encarregada de elaborar o regulamento da *Taca Guilherme Ferreira Pinto Basto*, que será disputada entre *teams* representativos das escolas superiores. Foram discutidos os diversos artigos do regulamento, sendo suspensos alguns, temporariamente, affim de facilitar a realização da prova.

O «BOX» ATRAVEZ DAS IDADES



D. sde o homem das cavernas até Jack Dempsey

(De *Le Matin*, Paris.)

— O Hockey Club de Portugal continúa trabalhando pelo desenvolvimento do *hockey* em campo, *sport* novo no nosso meio, e que parece ter já os seus adeptos. Assim, assistimos ao ultimo *match* realizado entre dois grupos daquele club, no seu campo de Sete Rios, que decorreu animadissimo.

— Abel da Cunha, o nosso popular e apreciado *boxeur*, sem duvida o melhor entre os nossos amadores, partiu para a Africa, no passado dia 2, levando consigo os seus titulos de campeão das categorias de *meios leves* e *leves*, sem uma unica derrota. Abel da Cunha, perfeito tipo de *sportman* e excelente amigo, deixou grandes saudades aqui em Lisboa, em todos aqueles que com ele se davam, e no publico, que o tinha consagrado, quasi considerando-o invencivel.

D. C.

O LAI



CALENDARIO DA SEMANA

Fevereiro—28 dias

- 11 — Domingo — S. Lazaro. Domingo gordo.
- 12 — Segunda-feira — Santa Eulalia.
- 13 — Terça-feira — S. Gregorio: Carnaval.
- 14 — Quarta-feira — S. Valentim. Cinzas.
- 15 — Quinta-feira — S. Faustino.
- 16 — Sexta-feira — S. Porfirio.
- 17 — Sabado — S. Nicolau.

da sua chegada, que velhos, novos, grandes e pequenos, se acotovellam nas ruas e se curvam á sua passagem no carro triunfal. Os elegantes e o povo, na mesma febre de entusiasmo, misturam os seus risos, uns, nos grandes salões, onde reina a elegancia em *travestis* de fino gosto ao som dos *jazz-bands*, onde o intriguista de dominó, de *loup* afivelado no rosto, vai perturbando com a sua anonima perspicacia. Outros, mais pacatamente, fazendo parte da multidão compacta e ruidosa, assistem ao desfile dos carros, das cavalgadas, dos grupos grotescos das cegadas, gesticulando e rindo, cantando num concerto infernal, lançando *confetti*, saquinhos, flores, cocotes e serpentinas, com loucura e prazer, queimando numa semana toda a alegria armazenada durante um ano.

Depois, mascaradas, cavalgadas, carros e festins, voltarão na sombra a esperar com saudade o regresso deste tempo de animação e enervamento.

E, logo apoz passada a festa, ainda derreados, não ha quem não grite: Viva o Carnaval! Viva a louca e eterna alegria!

ALGUMAS INVENÇÕES. UTEIS PARA O CARNAVAL

Não pedimos patente e vamos dar aqui algumas idéias ás nossas leitoras, para se divertirem um pouco mais originalmente do que com as cocotes vulgares e as bisnagas de todos os anos. Com um pouco de cartão, duas tiras fazem um dado, que ou se forram de papel de cor ou se pintam com variadas tintas. Esse dado envolve-se num laço de fita e pode constituir uma arma de arremesso, carnavalesca e inofensiva. Também com um bocado de cartão e alguma paciência a leitora pode fazer um vaso de flores, forrado a papel encarnado. Crava-lhe dentro uma flor de papel e quem vir arremessar a ha-de julgar que é uma cousa pesada, quando afinal nada pesa, porque é ôco e de cartão.

Com papel de seda podem fazer-se rosas ou flores, disfarçando cocotes, e com algodão e tule ou chiffon podem formar-se bonecos vistosos, de grandes azas de papel, que não deixarão de fazer efeito arremessados de um camarote. O que se não pode fazer com algu a fantasia, gosto e papel de cor?!!

O CARNAVAL — CONSELHOS PRÁTICOS A UMA DONA DE CASA

Durante o Carnaval conserva fechada a tua casa e as tuas gavetas.

— Não abras a tua porta a mascarar que te disfarçam a voz.

— Não salas para ver as mascarar. São peiores que as do ano passado.

— Não faças partidas para não dares ensejo a que t'as façam.

SUA GRANDEZA O CARNAVAL

TOCAE trombetas e atabales, gaitas de folles mesmo, para festejar Sua Magestade Carnaval. Eil-o taful, que, com o seu ar alegre, afavel e complacente, vem de visita aos seus fiéis e devotados amigos!

Que monarca foi jámais festejado, adulado e obedecido como este capcioso e efemero soberano de uma semana de despreocupação e folguedos? Desde a tarde do grande dia

Menús da semana

Domingo

Almoço

Arroz de bacalhau
Fatias de carne assada,
de presunto e ovos
Café com leite

Jantar

Sopa creme de arroz
Galantina de galinha
com bróchos de batata
Lombo de porco assado
Pudim de figo

Segunda-feira

Almoço

Bacalhau cozido com
batatas
Onos estrelados
Café com leite

Jantar

Sopa de legumes
Filletes de pescada com
puré de batata
Rost-bife e couve flor
Pudim de pão á cardeal

Terça-feira

Almoço

Figado de porco na
frigideira com batatas
Pescadinhas fritas com
salada de a face
Café com leite

Jantar

Caldo verde
Fritos de mexilhão
Perna de carneiro as-
sado com puré de
batata
Creme de chocolate

Quarta-feira

Almoço

Arroz de ameijoas
Costeletas de porco
Café com leite

Jantar

Sopa de massa
Sabel com molho
branco
Cabrito assado com ba-
tatas fritas
Torta de nata

Sabado

Almoço

Bacalhau albardado
Macarrão á italiana
com fatias de presunto
Café com leite

Jantar

Canja de galinha
Mayonaise de peixe
e camarões
Galinha tostada no for-
no com puré de batata
Arroz doce

Almoço Quinta-feira

Omelete de peixe
Costeletas panadas
com grelos cozidos
Café com leite

Jantar

Sopa de tapioca
Bacalhau guisado com
batatas
Carne assada com sa-
lada de aface
Pudim de laranja

Almoço Sexta-feira

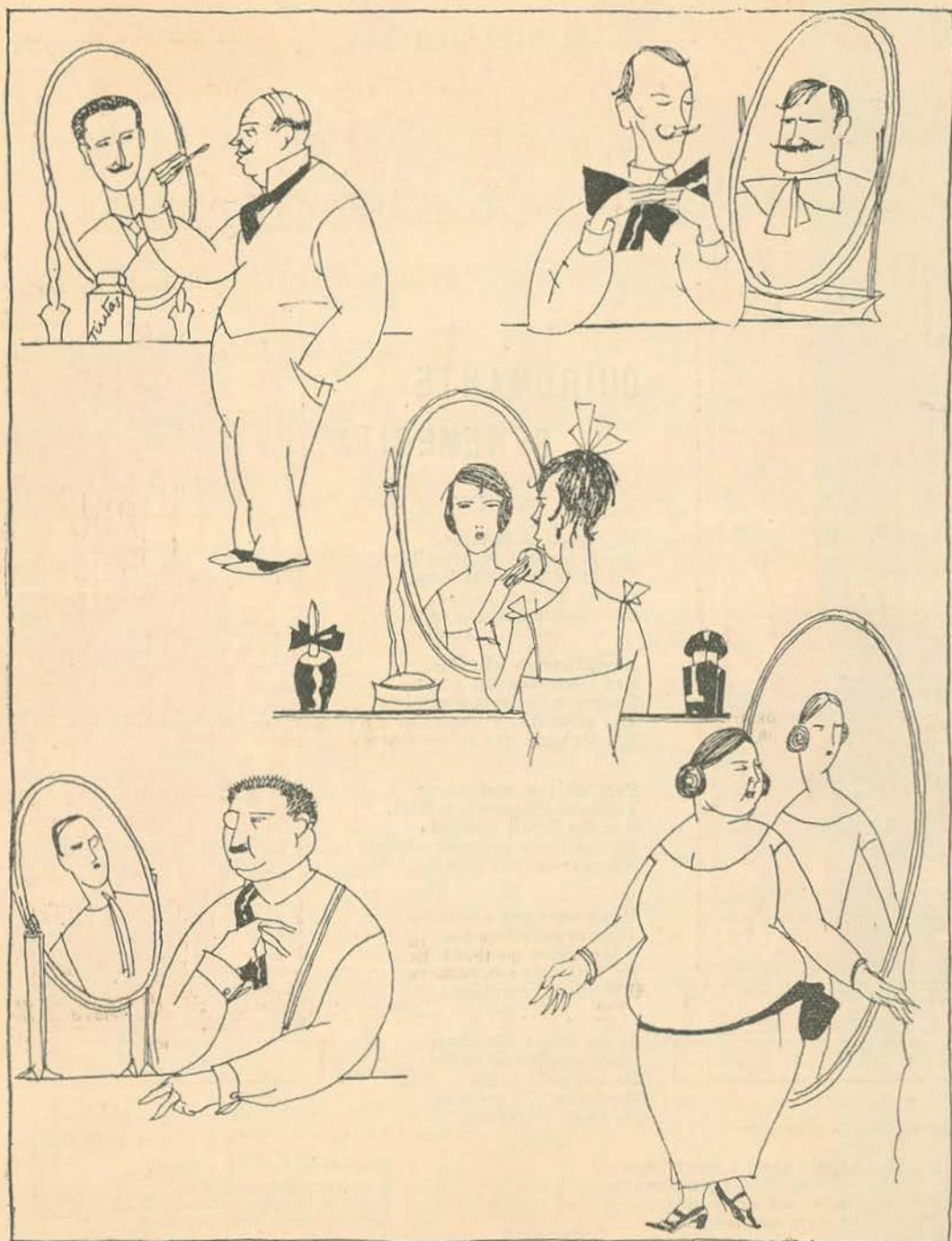
Vitela de fricassé com
salada de agridões,
rabaneies e beterraba
Alcachofras com molho
de manteiga
Café com leite

Jantar

Sopa creme de arroz
Arroz de polbo
Frango á jardiniéra
Pudim de nozes

O CARNAVAL DE TODOS OS DIAS

Por BERNARDO MARQUES



E assim passamos a vida: pintando-se de... novos, os velhos; envergando a Lavallière dos tesos, os mais pacíficos; alindando-se, as feias, e figurando-se donatissimas, as menos ávidas — com a cumplicidade do espelho, isto é, apenas nos enganando a nós mesmos... Porque, os demais, nem sequer já nos repetem o clássico «Je te connais, beau masque!...» Passam adiante e sorriem das fraquezas alheias, quantas vezes, como o Figaro, para não chorarem das próprias...

Silva Poetica



QUIROMANTE BENEMERITA

Na capital se instalou,
Dando o nome de Brouillard,
Tal sábia da minha terra,
Que se fez logo passar
Por vidente que não erra.

A prediser aos clientes,
Nas consultas dia a dia,
Sempre o que eles desejavam,
Lhe aumentou a freguesia,
E o dinheiro que deixavam.

Para mais se enriquecer
Tambem concorrera a fama,
Que lhe dera a nomeada
De ensinar a qualquer dâma
A tornar-se bem amada.

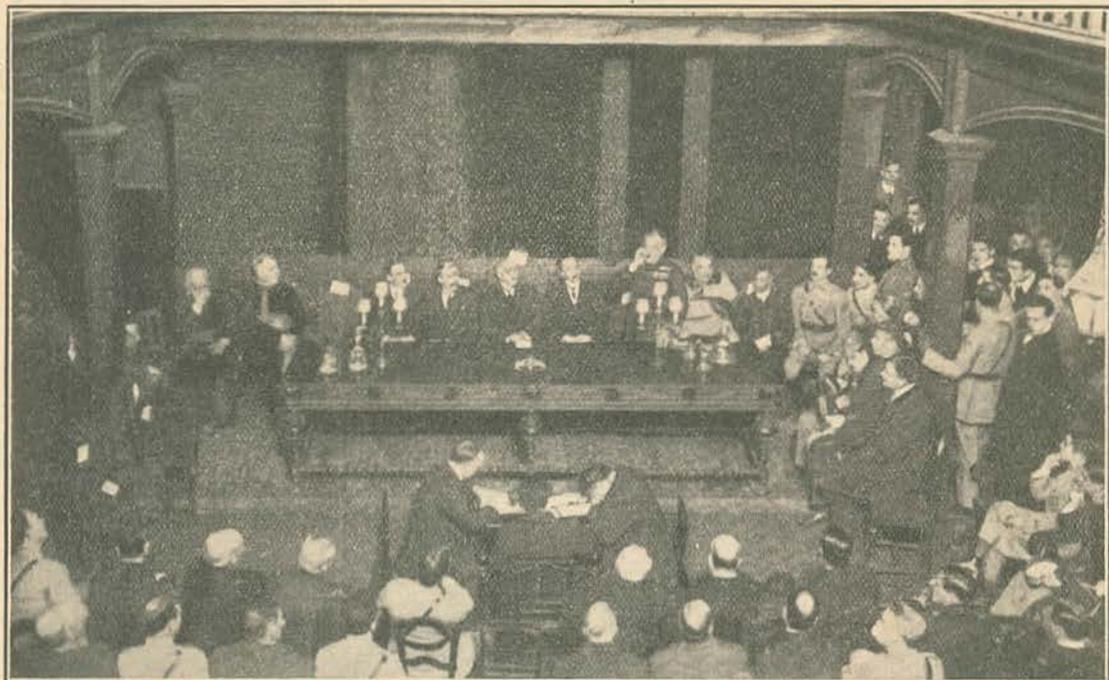
Mas o ouro que amontôa,
Tributo pago á magia
P'la velhice e mocidade,
Na constante romaria,
O destina à caridade.

Já em vida a bôa alma,
Claro espelho da belêsa
Da sua terra natal,
O reparte p'la pobrêsa
Da linda Vila-Real.

Certo nesta a bemfeitôra,
Depois do seu passamento,
Em sinal de gratidão,
Virá a ter monumento
Com a devida inscrição.

Mas sendo tambem erguido
Á quiromante afamada,
Ponham lá mais, e com prôa :
Grande bruxa aqui aerada
Que explorou meia Lisbôa.

“A CHAMA DA PÁTRIA,,



Tendo sido inaugurada, no dia 30 do mez findo, no hall da Universidade do Porto, a exposição da lampadario A Chama da Patria, realizou-se na mesma data, no salão nobre da Faculdade Technica, da referida Universidade, uma sessão solemne comemorativa do acto, a que presidiu o reitor, sr. dr. Augusto Nobre, e assistiram as autoridades locais e outras pessoas de representação. Vê-se na gravura, de pé, o general sr. Simas Machado, discursando, e sentado (segundo, a contar da esquerda) o prelado do Porto (Cliché André de Moura.)

Um casamento elegante



Tambem no Porto, realizou-se com grande luzimento, no dia 20 de Janeiro, na igreja do Bomfim, o enlace matrimonial da sr.^a D. Isulête Dias Pereira, gentil filha do nosso presado amigo e zeloso agente do Seculo e da Ilustração Portuguesa, naquella cidade, com o sr. Mario Pereira do Amaral. A nossa gravura representa, ao centro, os noivos, tendo á direita o sr. Lisandro Pereira do Amaral e D. Helena Tezreira Machado do Amaral, paes e padrinhos do noivo, e, á esquerda, o sr. Antonio Dias Pereira e D. Leocadia Dias Pereira, paes e padrinhos da noiva. Os nossos melhores votos pelas prosperidades dos recém-casados.

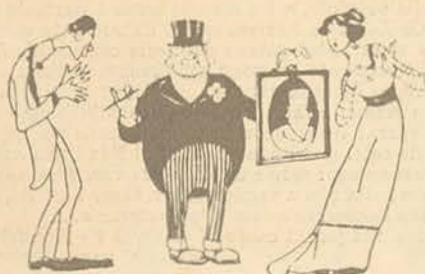
O Presente



do Tio Manuel

I

COSTUMAVAM, os Lavelot, reunir os amigos, a jantar, todas as quintas feiras. O nome do tio Manuel era frequentemente citado nas conversas. Mal o sr. Stilmann ou o sr. Nounon aludiam aos rendimentos de X ou Y logo Lavélot, zás! comentava: — Ora! isso é lá coisa que se compare com a fortuna do tio Manuel!... Sabem? o meu tio Manuel, que está na America...



Sucedia, por exemplo, a sr.^a Murgat contar que visitara uma faustosa galeria de quadros... Pronto! Logo a mulher do Lavélot objectava:

— Por amor de Deus! Uma coleção de bonecos de estampar, comparada com a galeria do tio Manuel!... Sabem? O tio Manuel que está na America...

Até que um belo dia — foi quinta feira, 15 de maio — a creada, ao colocar em cima da mesa a carne guisada com batatas, entregou a Lavélot o seguinte telegrama:

Cheguei a Paris, onde me demorarei dois meses. Desejando abraça-los e entregar-lhes uma pequena lembrança, irei por ali amanhã de manhã. — Tio Manuel.

— Bravo! O tal tio Manuel! bradou a sr.^a Murgat. E previne-os de que lhes traz um presente! Não tenho dó de vocês!

— No vosso logar, exclamou o sr. Nounon, preferiria que ele me trouxesse uma magnifica guarnição para o fogão!

— Questão de gosto, objectou o sr. Stilmann. A mim agradar-me-hia uma sumptuosa mobilia de sala!...

II

Durante a visita do tio Manuel, no dia immediato, sexta feira, Julio Lavélot não abriu bico. Tão depressa ele voltou costas, porém, desforrou-se:

— Sim senhor! Ora o unhas de fome! A tal lembrança era, então, uma caneta de tinta permanente, segundo ele diz, para me obrigar a pensar em ti, quando estou no escriptorio! E, para ti, o retrato dele, emoldurado, que te obrigara a pensar em mim, quando estás sósinha em casa. Bonito presente, o do tio Manuel!

Ruidosa discussão, se travou, então, entre mulher e marido:

— Oh! não pode negar que pertence á tua familia!

— A' minha familia?! Tempo houve em que te sentias muito honrada em entrar para ella!

— Seja como fór, bem sei eu



quem se vae rir de nós, na quinta feira! São os Stilmann, os Nounon e os Murgat. Vão dizer que estivemos a presumir!... Que o famoso tio não passa de um pelintra! Que, daquele lado, nunca herdaremos um centimo!... Que...

Uma vez esgotadas todas as munições da artilharia grossa das disputas caseiras, os Lavélot acabaram por chegar ás boas. E, depois de cochicharem, demoradamente, no vão de uma janela, concluíram:

— Pois que não ha outro remedio!... E' um sacrificio, mas, enfim, faça-se...

III

Auxiliada pela creada, na quinta feira seguinte, a sr.^a Lavélot preparava a bandeja do chá! Por seu lado, Julio, punha em dia o livro das contas. Na pagina «Despesas do mez», inscrevia:

21 de maio — *Aluguer, por 24 horas, de um objecto (no valor de 4.800 francos) destinado a figurar como sendo o presente do tio Manuel* 353,45

Os Stilmann, os Nounons e os Murgat chegaram. Não ha exemplo de guarnição do fogão ter ouvido frases tão lisongeiras quaes as ouvidas por certo relógio Luiz XV, ladeado por dois pequenos candelabros, que ocupavam o logar de honra na sala dos Lavélot.



— Soberbo! bradava a sr.^a Murgat.

— Acham? interrogava a sr.^a Lavélot.

— Admiravel! confirmava o sr. Nounon.

— Parece-lhes? tornava o sr. Lavelot.

— Deve-lhe ter custado uma continha calada! exclamava a sr.^a Stilmann.

— Acham? repetiam os esposos Lavélot.

A' meia noite as visitas despediram-se.

— O meu primo Renato, murmurou o sr. Stilmann, adora os objectos de arte. Se me permittem hei de trazê-lo cá para admirar...

— Pois não! aquiesceu Lavélot. Amanhã de manhã se quiser...

— Oh! não... não é coisa assim de tanta urgencia... Talvez de hoje a oito dias... na outra quinta feira...

IV

Recusou-se, o negociante, a tornar a receber a guarrição sob pretexto de que Lavelot, tendo-o alugado por vinte e quatro horas, a conservara em seu poder oito dias?...

O que é facto é que Julio se viu obrigado a escrever no seu livro de contas, seguidamente á primeira verba de 353 francos e 45 centimos, mais estas:

31 de maio — Para transformar em compra o aluguel do presente do tio Mannel, adiantamento pedido sobre os meus ordenados.....	300.00
1 de junho — Pasta e pó para limpar o presente do tio Mannel.....	0.60
3 de junho — Empenhadas as pratas para continuar a pagar o presente do tio Mannel.....	183.25
16 de junho — Para satisfazer novas exigencias do vendedor do presente do tio Mannel, empenhados o piano e a minha bicycle.....	225.00
29 de junho — Pago ao fornecedor do presente do tio Mannel (quantia proveniente do empenho do canapé, uma poltrona e duas cadeiras de sala).....	300.00

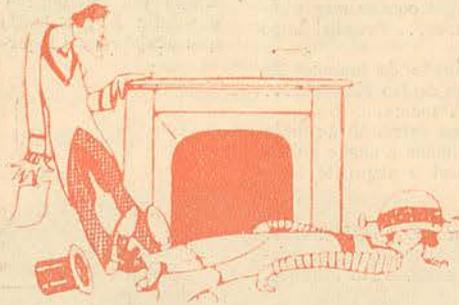
No ultimo dia do mez, os Lavelot somaram. O presente do tio Manuel estava-lhes, nessa data, em 1.362 francos e 30 centimos. Deviam ainda, ao comerciante, 3.437,70.

V

O piano, o canapé e as poltronas da sala tinham emigrado. Outros moveis não tardaram em seguir tão lastimavel exemplo. Na contingencia de terem de confessar, aos amigos, que os haviam posto no prego, os Lavelot apelaram para uma engenhosa mentira:

— Cedemol-os ao tio Manuel... Esteve cá hontem. O bufete da casa de jantar agradou-lhe... Como tencionamos mobilar de novo a casa toda...

Mas, em 13 de julho, os mesmos Lavelot reconhece-



ram que nada mais lhe restava que pudessem «ceder ao tio Manuel». Bem como que lhes era materialmente impossivel utilizar, de noite, a guarrição do fogão em guisa de cama, no quarto, e, de dia, como mesa, na casa de jantar.

E, nesta emergencia, Julio escreveu a seguinte carta:

Meu querido tio:

Deves estar em vespas de partida. Bem nos custa importunar-te... Desde que recebemos a tua agradável visita de ha dois meses, que nos temos visto confrangidos a despesas com que não contavamos. A ponto de já não termos em casa o minimo objecto com que fazer dinheiro. Muito te agradeceríamos se quizeses... se podesses... enviar-nos qualquer quantia...

Etc., etc.

No dia seguinte, o tia Manuel batia á porta do sobrinho. Os Lavelots haviam saído. Entrou pela casa dentro. O mais habil gatuno não teria conseguido limpar mais literalmente o espaço compreendido entre as quatro paredes de cada divisão.

O tio Manuel sentiu-se deveras sensibilizado.

— Espera! disse de repente estacando em frente do fogão da sala, que linda guarrição! Não tinha dado por isto quando aqui estive da primeira vez. Porque diabo é que o Julio não a venderia, tambem? Coitado, se cahar não encontrou quem lh'a comprasse...

Estava um jornal caído no chão. O tio Manuel aproveitou-o para embrulhar, com todo o cuidado, o relógio Luiz XV e os dois candelabros, tendo tambem o cuidado, antes de se retirar, de deixar um sobrescripto em cima da pedra do fogão.

Nesse sobrescripto metera ele duas notas de cem francos, escrevendo por fóra:

Aceita, meu caro Julio, esta lembrança do teu tio Manuel.

(De Max & Alex Ficher).

Casa Adão

Chás, cafés, licores, champagnes, vinhos do Porto e da Madeira da antiga casa

Ferreirinha da Regoa
e F. F. Ferraz & C.^a L.^{da}

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

76, Rua Jos Retrozeiros, 78 e 75-2.º

Escritorio

Rua Augusta, 70-3.º

TELEFONE 1566 - C

Bebam Agua

de

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Restaurant

Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa redonda e por lista. — Um habilissimo cosinheiro dirige o magnifico serviço de cosinha.

CORONEL ANTONIO MARIA BATISTA



Trasladação dos restos mortaes do antigo presidente de ministerio, coronel Antonio Maria Batista, para o mausoleu erecto no cemiterio do Alto de S. João, por iniciativa duma comissão de amigos do finado. A cerimonia foi revestida de comovedora imponencia, tomando parte nela o sr. Presidente da Republica, todo o Governo, deputados, senadores, representantes do Exercito e da Armada e de varios centros e outras agremiações politicas, etc., etc.

Três exposições de pintura



(Retrato de Mme Judith Teixeira)



CARLOS PORFÍRIO e Eves dos seus quadros que figuram na actual exposição



DEPOIS DA ORAÇÃO, quadro de D. Cristina Capper de Sousa

uma grande delicadeza e delicioso colorido, preponderam os motivos brasileiros. Pode, sem sombra de favor, afirmar-se que, se no seu país triunfaram, as duas ilustres artistas não menos triunfo acabam de obter em Portugal. Na exposição do sr. Tomaz Costa, aliás escultor consagrado de ha muito, figuram por igual quadros de valor.



No medalhão:
TOMAZ COSTA
A' direita:
Um aspecto
do conjunto
da exposição
do mesmo
artista



NATUREZA MORTA, quadro de D. Dulce Capper de Sousa

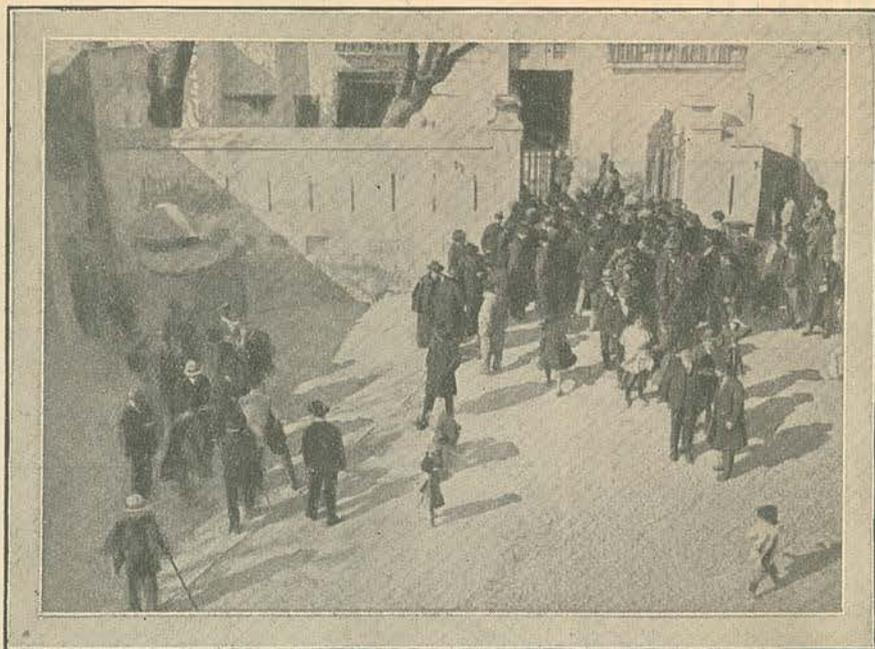
CIGARRA, quadro de D. Cristina Capper de Sousa

Ao alto, na oval, as expositoras
(Clichés Salgado.)

Mais tres exposições de pintura foram inauguradas na ultima quinzena: de Carlos Porfírio, no Salão da Illustração; de D. Cristina Capper Alves de Sousa e sua filha D. Dulce, no Palácio das Belas Artes, e de Tomaz Costa, no Salão Bohème. Sem pretensões a critica, registaremos apenas o exito obtido por qualquer delas, acrescentando, pelo que olha á do sr. Carlos Porfírio, que o joven artista de ano para ano mais afirma a sua excelente tecnica e mais confirma o belo talento que todos foram unanimes em reconhecer-lhe desde que pela primeira vez expoz. Quanto ás sr.^{as} D. Cristina e D. Dulce Capper Alves de Sousa ainda não haviam exposto em Lisboa, tendo-o já feito, porém, com assinalado exito, no Rio de Janeiro. Nos seus trabalhos, de

O 31 DE JANEIRO

Com emorando a passagem de mais um aniversário da revolta republicana do Porto, grande numero de pessoas foram, no dia 31 de janeiro, ao Castelo de S. Jorge, cumprimentar o coronel sr. Manuel Maria Coelho, um dos chefes do referido movimento. Entre os manifestantes viam-se representantes de numeras comissões politicas centros republicanos de todo o país. A nossa gravura representa a entrada no Castelo, por occasião que durou todo o dia.



Operarios do Parque Automovel Militar premiados



A cerimonia da entrega dos premios

Grupo dos operarios premiados



No dia 31 do mez findo realizou-se em Belem, no Parque Automovel Militar, uma sessão solene de distribuição de premios aos melhores operarios daquele estabelecimento do Estado, que decorreu animadissima e a que presidiu o chefe do Estado Maior da 1.ª divisão. A referida sessão seguiu-se um copo de agua aos convidados, recita e balle.

Uma edição monumental dos "Lusiadas".

A obra notavel d'um illustre artista
portuguez



Julião Machado

UM grupo de portugueses do Brasil encarregou o illustre artista sr. Julião Machado, nosso antigo colaborador, de ilustrar *Os Lusiadas*, a fim de promover a publicação de uma edição monumental do extraordinario poema.

A tarefa é das mais arduas, e tanto mais difficil quanto é certo que varias passagens da obra tem sido comentadas pelos nossos maiores artistas em quadros e desenhos que se encontram nos nossos museus e tem sido publicados em revistas e numeros comemorativos.

Julião Machado, que a gente nova da nossa terra mal conhece, pois que reside ha largos anos no Brasil, onde criou um excelente nome, saiu-se admiravelmente da empresa, como era de esperar do seu talento e das raras qualidades de artista que o distinguem.

Tivemos ha dias occasião de examinar os primeiros trabalhos realisados e podem assegurar que se trata de uma obra preciosa, em que não ha apenas intelligencia, mas uma grande ternura, a paixão, de quem, amando muito a sua

Patria, ao seu engrandecimento se dedica, consagrando-lhe as suas melhores horas e a sua mais viva inspiração.

O primeiro Canto é simplesmente delicioso. As illustrações acompanham de perto os versos de Camões, rigorosamente trabalhadas e com uma pormenorização que revela bem o interesse que o artista dedica ao trabalho de que foi incumbido e a honestidade que á realização d'elle preside.

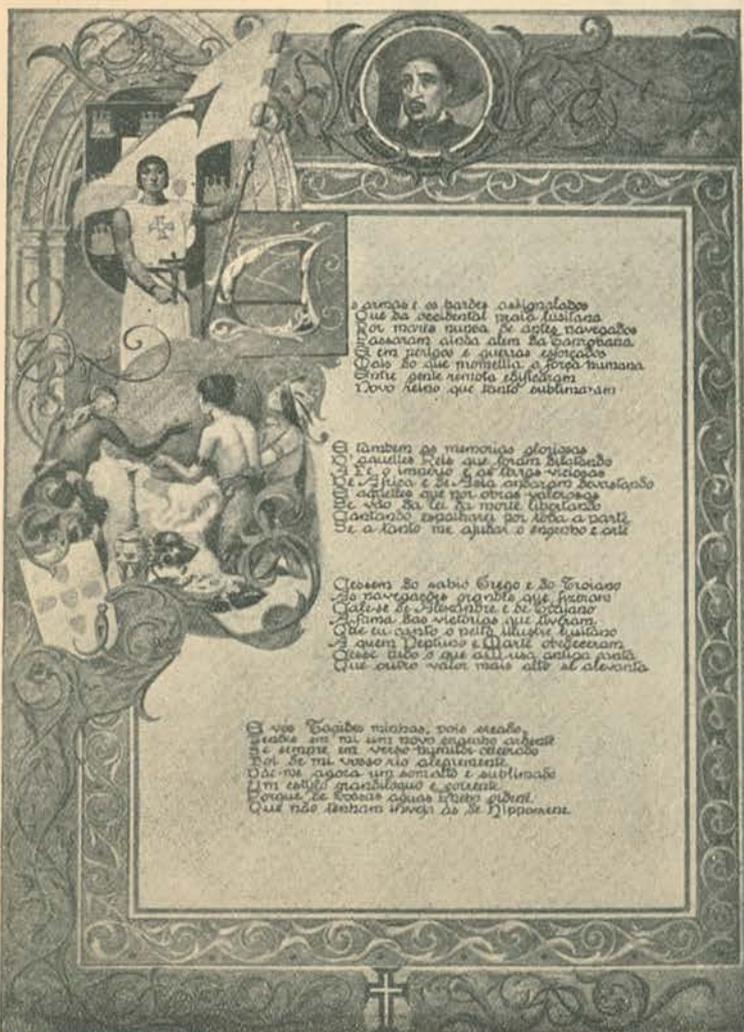
Ha figurinhas que são um verdadeiro encanto, tocadas de uma graça e de uma leveza raras, sendo para notar tambem a harmonia do colorido e a perfeição do desenho, em que Julião Machado é um mestre.

A iniciativa dos nossos compatriotas do Brasil que a tão sympathico encargo meteram hombros, é digna dos maiores louvores, revelando bem quanto amor á sua terra se guarda no coração dos portugueses que do outro lado do Atlantico mourejam e se sacrificam, sem por um instante sequer desviarem os olhos da Patria, dilacerada a alma pelas saudades que os consomem.

Depois da publicação da *Historia da Colonização*, a que Malheiro Dias tão intelligentemente preside, o aparecimento de ta monumental edição do nosso poema nacional é a demonstração mais segura do carinho dos portugueses d'além mar pelo cantinho em que nasceram.

Não só a bibliografia portuguesa ficará assim enriquecida com mais uma edição preciosissima do seu Livro por excellencia, como do amor dos portugueses ao seu patz restará mais um documento não menos precioso, já pelo que olha á intenção que lhe determinou a execução, já pelo que respeita á carinhosa arte com que está sendo executado.

Julião Machado, que em breve regressará ao Brasil, pode orgulhar-se da sua obra, que é digna do seu nome de artista e do grande Il. ro em que se guarda, como num relicario de ouro, a lembrança dos feitos da raça.



A primeira pagina de *Os Lusiadas*, illustrados por Julião Machado

O ANIVERSARIO

DO REGICIDIO

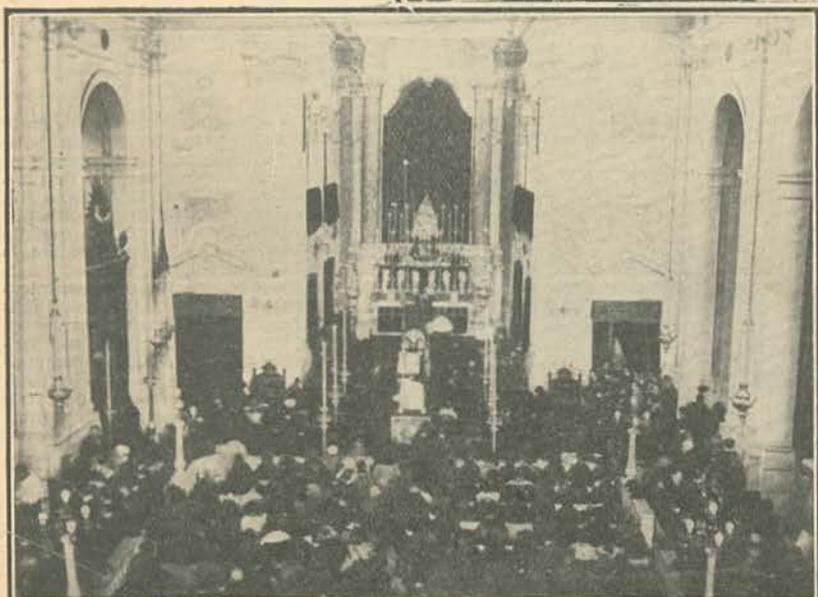
MINIMIMIMINI
1 DE FEVEREIRO

MINIMIMIMINI



NA OVAL:-

*Visitantes ao Panteon,
desfilando, em frente da urna,
que encerra os restos mortaes
do sr. D. Carlos de Bragança*



A' ESQUERDA:

*A assistencia,
na igreja dos Martires,
às missas
por alma dos srs. D. Carlos
e D. Luiz Filipe*



Manifestantes junto dos tumulos de Reis Buiça e Alfredo Luiz Costa, no cemiterio do Alto de S. João



OS TRESNOITADOS, aguarela de Lorenzi



REI CARNAVAL

Carnaval dos Estudantes



A NOIVA E AS SUAS DAMAS DE HONOR



A GALEOTA CONDUZINDO A NOIVA

A BENÇÃO NUPCIAL



O DESFILE DO CORTEJO



CAVALGADA DE...BURROS

Mais um vez, este ano, os estudantes inauguraram oficialmente as festas carnavalescas com uma luzida mascarada que constituiu o assunto do dia, no sabado magro. Desembarque no Terreiro do Paço da princeza Flôr de Neve, seu casamento com o rei Carnaval, vistoso cortejo nupcial, tudo isto ao ar livre e debaixo de um sol glorioso, e, á noite, a coroação dos recém-casados, no Coliseu. Um dia chelo e uma iniciativa interessante, pela qual só ha a louvar os alunos da Faculdade de Direito.

"Estrelas" e "Azes" do Cinema

APRESENTA-LOS é desnecessário; quem é que não conhece Charlot, Fatty, Harold, Max, enfim, todos esses entes privilegiados, possuidores do segredo da graça? Quem é que ainda se não riu perante uma das suas estravagantes atitudes?

E' vêr o entusiasmo com que, á porta dos cinemas, os garotos discutem as peripécias do «film». Charlot, o engraçado Charlot das imensas botas e pequenino chapéu de côco, daquele gesto de enfado em que ele volta a «badine»... Fatty, o colossal comico, que tão depressa nos aparece turbulento como tímido no seu ar ingenuo «d'enfant fâché», o incomparavel Fatty das pelliculas, com Bêbé Daniels... Camilo, o curioso artista de «A minha belezinha... O Harold dos grandes saltos, grandes pernas e grandes oculos... O Max, que até em carne e osso o nosso publico já aplaudiu, são hoje considerados como generos de primeira necessidade nos «écrans» de todo o mundo, pelas variadissimas plateias que os applaudem, mantendo assim uma gargalhada constante e sem fim,



O Grande FATTY descansando, em companhia do seu fiel amigo Luke, das rudes tarefas do seu trabalho



porque os Fatty e os Charlot não-de suceder-se, para que o riso não afrouxe e o bom humor não enfraqueça.

E, para terminar, propomos, aqui do nosso cantinho, uma grande salva de palmas áqueles a quem, precisamente porque transformaram a vida num Carnaval constante, se nos oferece justo que dediquemos esta página, na véspera do Carnaval.

MAX LINDER, que tão francas gargalhadas tem arrancado a todos os publicos



CHARLES CHAPLIN, o incomparavel CHARLOT, que tem a virtude de divertir a bilis ao mais pintado

CAMILLO DE RISO, o fino humorista da União Cinematografica italiana

FIGURAS & FACTOS

D. Vicente Balbas y Capó

D. José Manchena Colombo

Antigo deputado, jornalista e representante na Europa da Assembleia Ibero-Americana de New-York, o primeiro; também jornalista, catedrático e adorado e vice-consul de Portugal em Huelva, o segundo — encontram-se em Lisboa estes dois ilustres estrangeiros, não só em viagem de recreio e de estudo, como para tratarem de assuntos que se prendem com a realização do Congresso Ibero-Americano, cuja sessão preparatória se effectou recentemente em Huelva.



Esquadra inglesa em Lagos

Levantou ferro, na noite de 31 do mez findo, da bahia de Lagos, a esquadra inglesa que ali esteve fundada alguns dias. Representa, a nossa gravura, um escalor britânico transportando para terra officiaes e marinheiros da esquadra, que tomaram parte em varias festas desportivas. No proximo numero da Illustração outros clichés publicaremos sobre o assunto, devidos, como este, à amabilidade do nosso antigo colaborador fotografico, sr. Antonio C. dos Santos.



Tomás Teran

O eminente pianista espanhol, que tão extraordinario quanto justificado exito tem obtido nos seus concertos, realtzados em Lisboa.



Amélia Bastos

A gentil filha da eminente actriz Palmira Bastos, que, com tao assinalado exito, acaba de iniciar tambem a sua carreira de teatro.



Luiz Fernandes

O fatecido colecionador e devotado amigo dos nossos museus, e a memoria de quem se realizou, no dia 6, comovente manifestação.



Aspecto da reunião dos transmontanos residentes no Porto, realisada, ha dias, n'aquella cidade, n'um dos salões do Colegio Nacional, para assentarem nas bases da fundação d'um Centro Transmontano local.
(Cliché André de Moura.)

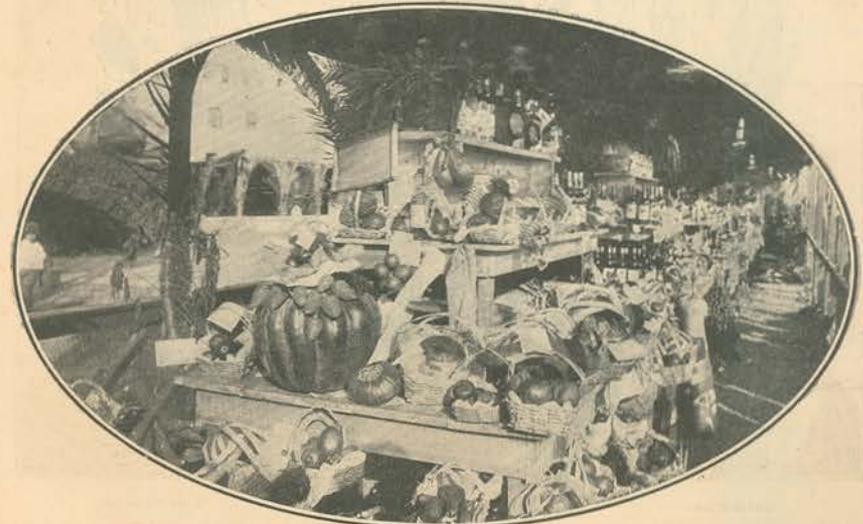


Alunos da Escola Maternal da Ajuda e parte da assistencia á sessão solemne de inauguração do «Mealheir» dos mesmos alunos, que ali se realisou no dia 31 de janeiro, sob a presidencia do sr. ministro da Guerra.



D. Sebastião Leite de Vasconcelos

Antigo bispo de Beja e arcebispo titular de Damietta, falecido em Roma, no dia 29 do mez findo, com 70 anos de idade.



Um interessante trecho da exposição agricola realisada no Funchal, a quando da festa do V Centenario do Descobrimento da Madeira, sob a direcção do engenheiro-agronomo sr. Aurelio Botelho Moniz.

Ha Muitos Anos...

Scenas do Carnaval, em Lisboa (1878)



(Composição de Manuel de Macedo — *O Ocidente*, 1 de Março de 1878.)



MASCARADA TEATRAL

Dá-me o teu braço, Dona Bagatela,
A máscara afivela,
Tal como eu afivelo, e vamos juntos
De teatro em teatro, em digressão
E á procura de assuntos,
Já se sabe, por bem,
Sem ofender ninguém,
Nem perturbar a nossa digestão.
Verás quanta surpresa, minha amiga,
Quanto artista pintado ou de caraça,
A julgar que me intriga,
Como se atrás da seda, do setim
E atrás do papelão,
Alguma cara me enganasse a mim!
Mas vamos ao que importa
Porque o tempo é dinheiro, ao que se diz,
E batamos á porta,
Em primeiro lugar, do S. Luiz.

Que mulher tão simpática! Ora viva,
Senhora Dona Auzenda de Oliveira!
Aproxime-se, vá... não seja esquiua
Nem dê sorte com esta brincadeira.
Quer saber o que eu vejo atrás do pano,
Meu lindo diabrete?
Que anda aqui mascarada de soprano
Quando, afinal, não passa de falsete!
O Sales, sim, é que é um tenorino;
Mas também se disfarça muita vez,
Pois canta italiano
E presume, imaginô,
Que canta português...

Muito bem. Esta lebre está corrida.
Vamos lá ao teatro Nacional,
Depois ao Avenida,
Depois não sei a qual.
Sem n' mero, destino ou preferencia,
Até que a minha falta de paciencia
Ponha ponto final
Nesta chalaça e nesta incoerencia.

Como vão esses nervos, Dona Augusta?
Julga que a não conheço? Coitadinha!
Eu bem sei que lhe custa,
Mas dispa o d'ominô
Com que se mascarou de Morgadinha
Podendo ser a avô...
E diga ao Luiz Pinto, que êle andou
Na escola com o Gago, o aviador,
E por isso não faça de pintor
Podendo ser o avô...

Olá, seu Rafael!
Você vai muito bem no seu papel
Se o papel é de «centro» ou de «galan»,
Agora no de Cesar de Bazan...
Se o nosso Augusto Rosa
Voltasse ao mundo e o visse,
O menos que lhe dava era uma tosa
Por você praticar essa tolice!
...E siga a romaria.

Como está de saúde, seu Chaby
E mais a companhia?
Sou um seu velho amigo, sempre fixe,
Companheiro de muitas rapaziadas,
Vamos, porém, ao que me traz aqui:
Então você, com duas toneladas,
Figura de Políche
E, além do peso, que, com essa idade,
Convencer a Cremilda de Oliveira
De que possui ainda agilidade?
O resultado é claro: a gente ir,
Com semelhante asneira,
Como se a coisa fosse para graça,
Nas scenas que requerem seriedade.
Sabe que mais, Chaby? Tire a caraça
E adeus. Vá-se despir.

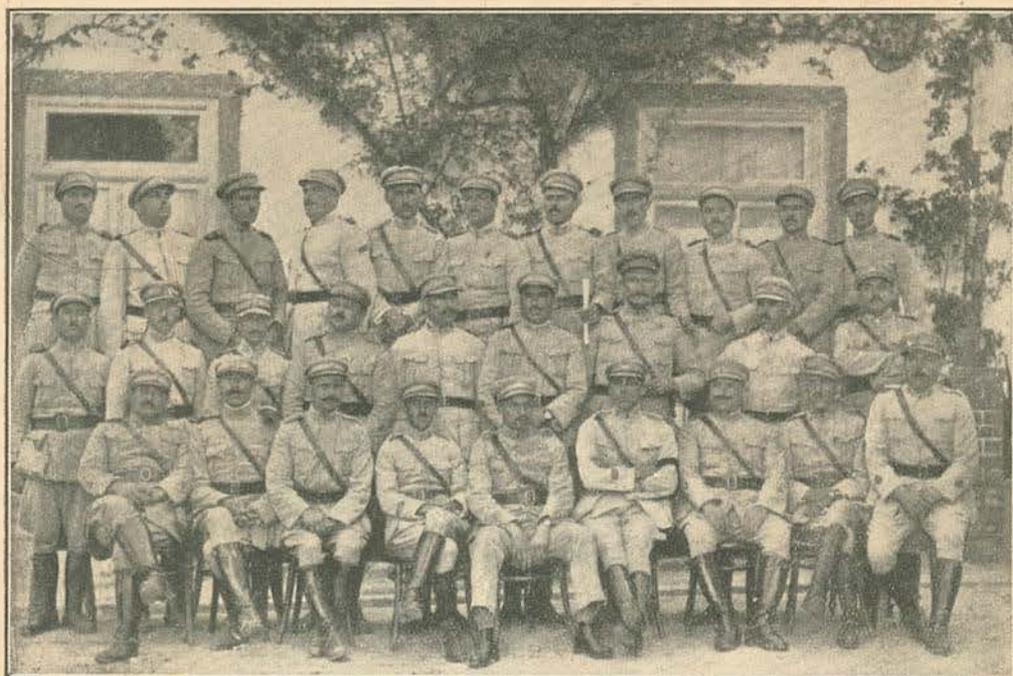
Agora, entremos no Politeama.
Então, Dona Palmira, como passa
Nos seus papéis de drama
Desde que abandonou a cantoria?
Bem, já se vê; mas oiga o que eu lhe digo:
Com toda a cortezia
E com o desassombro d'um amigo
Da mulher e da actriz:
Não se disfarce em «pêga» de Paris,
Nem na Rosa Maria,
Porque atravez da máscara, é fatal
Que toda a gente a vê como eu a vi,
Burguesa ao natural
Ou mamã Colibri...

Olha o Robles Monteiro Rei Colaço
A fingir que é do sul! Por mais que gema
Revela que é beirão a cada passo;
Do sul, só n'uma fita de cinema!
Deixe lá o disfarce
Que logo se conhece:
E' inutil, meu caro, mascarar-se,
Emquanto em português houver um êsse!

E chegámos ao fim.
A Dona Bagatela está cançada
E os actores e actrices em questão,
Com esta mascarada
Já olham para mim
Capazes de trincar-me o coração.

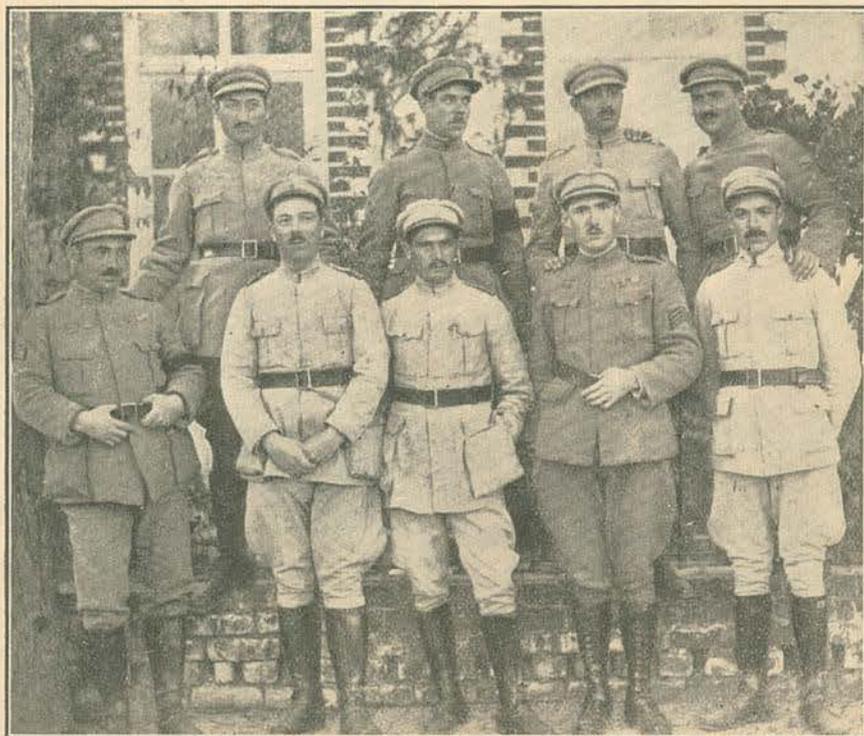
Tinha ainda tenção
De dizer duas coisas á Mercedes,
Porque ora se mascara de escritora,
Ora de grande actriz,
Porém, sendo infeliz
E sendo uma senhora
Não digo uma palavra, como vêdes,
E lá vai um ditado verdadeiro
Pra servir de chave:
E' trivial nos olhos do parceiro
Ver a gente um arguelho
E nos nossos não vê nem uma trave.

Escola preparatória de officiaes milicianos



Grupo de sargen os- judantes que acabam de frequentar, em Vendas Novas, a Escola Preparatória de Officiaes Milicianos
(Sentados, da esquerda para a direita, os officiaes instructores: srs. ten. Sequeira (o 4.º), cap. Daniel de Matos (o 5.º) e ten. Vieira (o 6.º))

Curso de tiro de artilharia de campanha



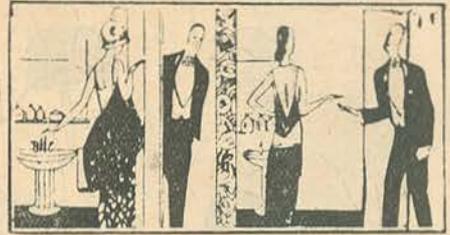
Grupo de sargentos—um de cada regimento—que frequentaram na E. de Artilharia de Campanha o curso de tiro, 3.ª turma
(Clichés do 2.º sargento de artilharia 8, sr. José Maria Coutinho)

Seara alheia...



Banditismo infantil

—Segura o cão, que me quer morder...
—Seguro. Mas has de dar-me a tua laranja!
(De *Life*, Nova York.)



Martires do pudor

Não pode entrar! Entre, faz favor!
(De *Flirt*, Paris.)



A' hora de fechar o museu

—Queira sair, minha senhora, que, o que tinha que ver, já viu...
(De *Bueno Humor*, Madrid.)



Na escola primaria

—Mas responde! Não vês que te estou interrogando?
(De *Passing Show*, Londres.)



O menino exigente

—Faz-lhe a vontade, para ver se ela se cala!
—Faze tu! Quer que eu me dejectificar debaixo dum automovel... para ver um desastre...
(De *L'Intransigeant*, Paris.)



Bôas esperanças...

O PAE — Muito gosta a pequena do gato! Bem se vê que tem bom coração...
A M.A.E — O que se vê é que ha de vir a gostar de abafos de peles, quando for crescida...
(De *Lustige Blätter*, Berlim.)



Em frente dum Music-Hall

—É curioso... um homem, tocar piano, sem mãos!
—Ora! Como se tu, também, não cantasses, sem voz!

(De *L'Intransigeant*, Paris.)

Página Elegante



genho humano possa conceber para fazer sensação.

E' natural! Se não pensassem nisso agora os juvenis cerebros, quando pensariam então?...

Mas nunca é bom não pôr de parte o critério, nem mesmo ao tratar-se de mascaradas.

Comparar numa sala, ostentando um «travesti» vistoso mas confeccionado pobremente, é tudo quanto existe de mais ridículo. Neste caso, como em todas as circunstancias da vida, afi-



Aranha: Vestido de setim tete negro. Teia de tule de prata, grande aranha feita em tecido e ardores de prata

nal, desde as mais furtivas ás mais graves, «noblesse oblige»... Quem não pode arcar com a responsabilidade material que acarreta a con-

fecção de um «travesti» luxuoso, destinado a atrair as atenções sem chamar a si os motejos do ridículo, procederá prudentemente abstendo-se de uma ostentação d'ouros sordidos ou mesquinhos. Antes opte por uma «toilette» simples, despreziosa, que lhe garantirá um acolhimento simpático da critica, do que se afoite a revestir-se de chitas berrantes, buscando com elas um illusorio efeito de sedas cáras, a adornar-se com fitas de côr duvidosa, e flores «fanes» que, no conjunto,



1.º—Joaninha: «Toilette» de gaze plissado e setim vermelho com applicações de veludo preto. Corpo bordado com contos de jure 2.º—Tira-olhos: Vestido de setim azul mar e tule de ouro. Asas de gaze pintada



Morcego: Fourreau de setim taupe. Asas de gaze na mes cor. Couture de setim taupe e tecido avate

só preparam esse deploravel aspecto de pobreza acobertada com o

ridículo, que tantas vezes é a nota dominante nos «travestis» destinados, pela inconsequencia dos que os ostentam, a servirem de alvo aos motejos cruéis da ironia e aos golpes contundentes da impiedosa zombaria.

Entrar num salão, vestindo tristes trapos que o decôro obrigou a pôr de parte, escudando a ousadia da apresentação com a pretensa liberdade que o deus Carnaval concede a toda a fantasia, é a leviandade que só pode comprometer a concepção do

bom gosto e a compreensão da estetica de quem a tal se afoita...

Não, não, juvenis sacerdotizas do pagão Carnaval; se não podeis «mascarar-vos» ricamente, apresentae-vos antes vestidas com o vosso vestidinho simples... Que «mais vale ser rei entre escravos, do que escravo entre reis...»

Agarena de LEÃO

1.º—O Besouro: Saia de tule blond sobre outras tiras de setim na mesma cor. Corpo e frente da saia de setim tete de negro. Tomado de tule de ouro

2.º—Borboleta: Saia de setim côr de rosa, corpo de setim verde com applicações multicores; asas de gaze pintadas em varios cores

ÊIS-NOS em pleno Carnaval.

Nesta hora, em que o paganismo ressurge das cinzas com que a civilização e a evolução dos costumes o cobriram, para, num instante, afirmar que ainda não se extinguiu de todo a chama da vida fantástica e exaustiva que o anima, nenhum cerebro juvenil consegue eximir-se á sua influencia. A ideia de um carnaval policromo, barulhento, estonteante, trola á redea solta por todas as imaginações que as neves pesadas dos anos não nimbaram ainda. As salas animam-se, projectam-se mil diversões; e a mocidade, que irá levar a essas salas a alegria e o ruido da sua vida descuidada e feliz, sonha com os trages mais extravagantes, mais originaes, mais estupefactivos que o en-



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
**ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,**
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

SATIRAS, por Rival

João Saraiva, sobre ser um poeta lírico muito nota-
vel, é um poeta satírico de extraordinário valor. As
suas sátiras fizeram época, nomeadamente ha trinta
anos. Referimo-nos ás que éle dispesou pelos jornaes,
porque outras existem que, por mais cruas, não viram
a luz da publicadade e andam na tradição oral, ou se
conservam copiadas em coleções manuscritas. Um pu-
nhado das que éle subscreveu com o pseudonimo de
Rival apareceram agora em volume, precedidas de um

prefacio de Julio Dantas que
traça o perfil do poeta e lou-
va o seu belo talento,
como ninguem o faria me-
lhor. O tempo não di- inulu
o interesse que os versos de
João Saraiva despertaram.
Primorosos sempre na for-
ma, ainda agora nos encan-
tam e fazem sorrir pelo que
encerram de graça, de malic-
cia e até de critica severa e
pungente, quando flagelam
as fraquezas, os erros e as
hipocrisias dos homens e dos
políticos, justificando admi-
ravelmente a frase *ridendo
castigat mores*. Quasi todas as
pessoas visadas nas sátiras
morreram. O que sobrevive



João Saraiva

apenas são os costumes.—os maus costumes por certo
agravados. Quando João Saraiva compoz os seus es-
plendidos versos, a sensibilidade moral e politica não
atingira o grau de embotamento que « caracteriza hoje.
D'aí o facto de D. Antonio Aires de Gouveia, bispo de
Bethesda, não resistir, como ministro dos estrangei-
ros, aos hotes que lhe jogou o poeta. Neste volume des
Satiras, uma das partes mais importantes e mais curio-
sas é a constituída pelas parodias aos versos dos nefeli-
batas. As imitações de João Saraiva não valem menos
que as composições que ao tempo celebrisaram Euge-
nio de Castro.

LIVRO DE SOROR SAUDADE, por Flórbela Espanca

Depois que Virginia Vitorino se revelou com os *Namorados* uma das mais perfeitas poetisas do amor, cul-
tivando magistralmente o soneto, logo uma chusma de
inspiradas meninas começou dedilhando a lira e inun-
dando o mercado com o fruto da sua inspiração mais
ou menos feliz e da sua arte mais ou menos adestrada.
D'entre as jovens cultoras das musas que demonstram
talento, cumpre salientar Flórbela Espanca, que em
1921 se estreou com o *Livro de Maguas*. Se nos seus ver-
sos não ha uma originalidade que nos assombre, por-
que eles se resentem de influencias, e a maior é a da
poetisa dos *Namorados*, este *Livro de Soror Saudade* encerra,
todavia, coisas de inegavel beleza, na forma e no
conceito, talhada segundo os modelos do lirismo amo-
roso em voga. Os sonetos de Flórbela Espanca, fre-
quentes de paixão feminina, quasi sempre sensual, acu-

A. P. C.—Novos e velhos teem aqui entrada, quando o
mereçam. O diabo é que nem sempre o merecem.

L. S.—(Colmbra).—Lá de quando em quando os idiotas,
como L. S., batem á nossa porta. Em Colmbra ndo ha hos-
pital para doídos? Recolha-se lá, homemsiño.

A. A.—(Tramagal).—Tão novinha e já imagina que faz
versos! Em sua casa ndo ha peugas para pontear?

SOMBRA NEGRA.—Tem geito. A seu tempo será aten-
dido.

OLINDA.—Outra a imaginar que faz versos e nem ao
menos sabe sintaxe.

SALVADOR C.—(Porto).—Oíhe: manus, palavra latina,
é da 4.ª declinação: nominativo, manus: genitivo, igual ao
nominativo.

Ora, como da mão (não nos referimos á cidade da India)
é manus, a pessoa que trata da mão é manicura, e não
manicura. Quem diz manicura, por influencia de pedicura
(o que está muito bem), mete os pés pelas mãos. E' como
se dissesse manufactura; percebeu, seu poeta d'uma figa?

PAGINA MUSICAL

Satisfazendo os desejos de algumas leitoras da *Ilus-
tração* que, n'esse sentido, se nos teem dirigido, inicia-
remos, no proximo numero, a publicação, na nossa Pa-
gina Musical, dos Hinos ou Marchas nacionaes dos di-
versos paizes, acompanhados da respectiva letra, sem-
pre que nos seja possível obtel-a. Como de direito,
será com o Hino Nacional—*A Portuguesa*—que inaugu-
ramos esta publicação, seguindo-se-lhe o Hino Brasi-
leiro, *A Marselheza*, o *Good save the King*, etc.

sam aptidões que desejamos ver mais afinadas, afir-
mando-se em altos voos, para os quaes, supomos, lhe
não falta envergadura.

DA REINTEGRAÇÃO DOS PRIMITIVOS PORTUGUEZES, por Afonso Lopes Vieira

No Museu Nacional de Arte Antiga realisou Afonso
Lopes Vieira uma conferencia subordinada ao tema *Da
reintegração dos Primitivos portugueses*. O ilustre poeta é,
como se sabe, um dos nossos primeiros conferentes.
Prosador de singular magia, a formosura do seu estilo
tão musical, tão limpido, tão donairoso só é comparavel
á arte soberana com que Afonso Lopes Vieira lê ou
recita. Na sua conferencia presta-se homenagem á
obra de Luciano Freire, o mestre cuja «beleza moral» e
cujo «patriotismo belo» põe em relvêo a obra salvadora
por ele executada, ao reintegrar os quadros de muitos
dos grandes pintores portugueses de tempos idos, en-
tre os quaes avulta o maravilhoso Nuno Gonçalves. O
trabalho de Afonso Lopes Vieira é o justo panegrico
de Luciano Freire, um benemerito, e a sua defeza,
cheia de galhardia, contra os detratores, que nunca
faltaram a quem tem merecimento e logra impól-o ao
aplauso e á gratidão dos compatriotas.

A. de A.



O CARNAVAL ELEGANTE



ENQUANTO OS MUSICOS NÃO CHEGAM...



CHEGARAM OS MUSICOS !!!



MUSICA FRESCA !!!



ESFINGIA



Dizendo taes dispausterios
De forma tão antipática,
Lança-lhe vis impropérios...
Clamando por nomes sérios,
Com facadas na gramática!

Fui lendo a coisa em questão!
Que mal empregado espaço...

Marcelo Monfort

*

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Charadas em verso: Costela—Frieira—
Latex—Carimã—Cifa—Borrado.
Charadas em frase: Abalada—Rodapé—
Extraordinário.
Enigma pitoresco: Intercalado.
Logogrifo: Vasco Reis.

ENIGMA

Qual é a coisa, qual é ela,
—Que responda quem souber—
Que não é macho nem fêmea,
Não é homem nem mulher.

Não é ateu, nem deista,
Não é frade nem judeu,
Não é rico, não é pobre,
Nem fidalgo nem plebeu.

Não é ferro nem madeira,
Não é bolas nem carvão,
Não é cobre, não é zinco,
Não é chumbo nem latão.

Não tem alma, não tem cor,
Não tem voz nem tem som,
Não é velho, não é novo,
Não é mau e não é bom.

Não é frio e não é quente,
Não é seco nem molhado,
Não é alto, nem é baixo,
Nem redondo nem quadrado.

Nunca teve mãe nem mãe,
Inda mais ninguém o viu,
Não é grande nem pequeno,
Não tem forma nem feição.

Não é verbo nem pronome,
Nem tão pouco é substantivo,
E' coisa que não tem rima,
E nunca foi adjetivo.

Para fácil solução,
E' bom que vos esclareça,
Que o conceito d'este enigma,
Não tem pés nem tem cabeça...

Carnavalesco Junior

CHARADAS EM VERSO

Aproveitando a quadra carna-
lesca e sem magoar o seu autor
a propósito da charada Jutu.
risca publicada na ESFINGIA...

Fui lendo a coisa em questão!
Que mal empregado espaço
Roubado, assim, á secção...
Para lerdes, não, não, não...
É um carapuça feito laço!

Ser movido a bagalhau!
E não vindo a rima lésta,
Prega-se com uns tau, tau!
Que bela sova de pau...
Ou então... os «ti» na testa!

Olha depois para o ur,
Vê passar a carroça!
D'ela, desprende a muar...
(Façamos a vista grossa,
Para o não vermos puxar!)

Assim com esta aparência,—2
Usa fóros de admisão!—3
Sem que mate a paciência,
Fará versos com frequência,
Ali, do pé para a mão!

Ao meu colega...

Aqui tem o meu amigo—1
Uma coisa trivial,
P'ra matar a ociosidade
Nos dias de Carnaval.

E' presente para si
Da rapariga que viu—1
Fazer um gesto imoral
A um moço que a seguiu,

E que disse que a cacete—1
Os homens d'esta nação,
Correria mesmo que
Viesses em batalhão.

Agora, no que a pequena
Lhe remete de presente,
O meu amigo escasena
Pode-lhe ferrar o dente.

Cupido 1.º

*

ENIGMA PITORESCO

(A PREMIO)



LOGOGRIFO

O eterno Carnaval

A vida que vivemos, mascarada,
E' sempre o Carnaval, sim! E mais na-
da...

Tanto n'este pesar, que estou sentindo, 6
—2-3-13-7
Que o triste coração se desfalece—9-17
11-12-N-5-6-15
E tanto me atormenta que parece
Que ao tormento minh'alma vai seguiri-
do—14-10-8-16-5-T-12

E vou jurar que tudo empalidece
A forma, o desdem com que estás sorrin-
do—14-10-8-P-4-17-11-0
P'la f'rida imensa que tu foste abrindo,
Oh! toda a minha vida se esvaece.

Al... não tens um sorriso q'acalente
A vida d'este triste padecente
Que no mundo só vive p'ra te amar.

Sim: não t'importas com a minha sorte!...
Quem sabe se depois da minha morte
Na minha campa tu irás chorar?...-11
-17-P-13-1-T-13-4-2

Por um lado são rosas, açucenas;
Por outro, dores, maguas, chôros, pen-
sas...

Adriano

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifra-
ções das produções inseridas n'este nu-
mero.

—Toda a correspondência relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

Correspondência da Esfingia

Srs. decifradores.—O premio que o sr.
Silva—o autor do *artístico e difficil* pi-
toresco—oferece a quem decifre o seu
enigma, consiste n'um objeto proprio da
quadra que atravessamos, ou seja uma
linda peça pirotecnica, a que o vulgo cha-
ma trique-traque.

O prazo para a entrega da *difficil* decif-
ração, termina na terça-feira de Carna-
val, e o premio pode ser requisitado na
sucursal do Rocio, até ao dia 13 do cor-
rente, das 17 ás 21 horas.

Podem portanto os felizardos dirigir-se
ao seu autor, o sr. Silva, á hora acima
indicada, para este senhor distribuir tan-
tos trique-traques quantos forem os pa-
tadores da respetiva decifração.

Alvaro Ferreira.—Se bem que a quadra
carnavalesca permita a livre brincadeira,
não vamos tambem abusar dessa liber-
dade, para publicar *sujidades* como a que
V. Ex.º enviou. Ri-me com gosto, é ver-
dade, mas não me atrevi a publical-a.

Dó sustenido, Dr. Sabio, Castor & Lo-
lux, A. B. C., Pinta-scenas e S. Palo—
Vae tambem para V. Ex.º a carapuça do
parceiro de cima...

QUADRO DE HONRA

Sant'ana—Dr. Saloto—Club do
Silencio—Da a Oculta—C. Sil-
lei—Alda C. Gomes—Quinteto
azul—Do 14—Um Braguense—
Careca—Alvaro Ferreira—Vio-
leta—A. B. C.—11a Aidina—Por-
tuense—Castor & Polux—S. Palo
—Adiragram—Claro & Moreno
—Itura—Sopmac—Pinta—Scen-
as—Major Rapaz—Adelaide
V. de Castro—Rocho, Santos
& Telxela—Eclia Arlely—Ame-
lla Cordeiro—Dó sustenido—
Josolicos—Sorrab—M. C. Cor-
deiro—G oconda.

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero.